

Gilberto Mendes, um compositor que foi uma antena da raça

***Gilberto Mendes, a composer who was an
antenna of the breed***

LUIZ CELSO RIZZO

Mestre em música pelo IA-UNESP. Pesquisador
independente
rizzoluiz3@gmail.com

Resumo: Regente coral e estudioso em música para vozes, o autor descreve como foi seu primeiro contato com o compositor, até tornar-se interlocutor.

Palavras-chave: Gilberto Mendes; música para coral; ECA-USP

Abstract: Choral conductor and scholar in music for voices, the author describes how it was his first contact with the composer, until he became a interlocutor

Keywords: Gilberto Mendes; music for choir; ECA-USP

Dizem que a primeira impressão é a que fica...

Pois é! Que eu me lembre, a primeira vez que eu vi o compositor Gilberto Mendes foi no Teatro Municipal de São Paulo, no ano de 1973, na estreia da sua obra *Santos Futebol Music* com a Orquestra Sinfônica Municipal sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho. O compositor estava no palco orientando as reações da plateia empunhando os cartazes.

Para quem não sabe, Gilberto resolveu escrever essa obra para homenagear o time da Vila e, principalmente, o seu maior craque, o Pelé. A obra, para grande orquestra, tem toda uma encenação teatral que remete ao esporte bretão. Tem a emissão sonora de trechos narrados por um dos maiores locutores esportivos que foi Fiori Gigliotti (1928-2006). Os sons orquestrais vão se misturando com os apupos, vaias e gritos de gol da plateia, que vai sendo "instruída" por um "mestre de cerimônia" ou melhor definindo, um ator que vai conduzindo suas reações. Nessa apresentação, esse mestre foi o próprio compositor. Dessa encenação faz parte que, em um determinado momento, o regente cabeceie uma bola e, em outro, ele mostre o cartão vermelho para o *spalla* da orquestra que é expulso sob vaias da plateia.

Eu, na época um estudante de música, fiquei muito impressionado com a criatividade do compositor em elaborar uma obra tão fora dos parâmetros convencionais. Mais ainda, pelo fato de um compositor clássico exibir uma longa cabeleira branca. Isso em plena ditadura e na época em que o Teatro Municipal de São Paulo, a duras penas, estava liberando a entrada da plateia sem paletó e gravata.

Hoje a garotada poderia chamar esse visual de "da hora", na época o chamávamos de "o maior barato". Um compositor se apresentar não vestindo uma casaca, mas traje comum e ostentando uma cabelereira que parecia mais um músico de rock do que de música erudita - ou clássica, se optarmos por outra determinação para esse gênero musical.

É importante lembrarmos que, na época, havia salas de cinema que exigiam paletó e gravata para os homens e as senhoras deveriam estar bem-vestidas para adentrar em suas dependências.

Para quem não sabe, o centro da cidade de São Paulo tinha inúmeras salas de cinema, por consequência tinha também inúmeros cafés, leiterias e restaurantes para aplacar a fome desses espectadores. Para afugentar desses lugares pessoas malvestidas ou, mais claramente "pobres", os donos dos estabelecimentos "pagavam" uma coxinha e um café requentado aos guardas da Polícia Militar ou da Polícia Civil (esta depois foi extinta), para fazer com que essas pessoas circulassem e nem tentassem entrar ou ficar

na porta desses estabelecimentos. Agora surgia um novo termo para definir essa situação: coxinha.

É claro que, eu de origem humilde, não tinha paletó ou gravata para frequentar o Cine Windsor, ou concertos de gala ou óperas do Teatro Municipal. Mas o Gilberto me marcou bastante, me lembro que continuei a frequentar diversas apresentações musicais e eu o via com certa distância de quem nunca vai poder se aproximar de uma figura tão importante.

O tempo foi passando, e após muitas apresentações do Conjunto Coral de Câmara e do Madrigal Ars Viva (sempre sob a regência do maestro Klaus-Dieter Wolff que, depois da sua morte, foi substituído pelo maestro Roberto Martins), essas barreiras foram sendo quebradas. Eu me lembro de uma vez em que consegui superar a minha timidez e cumprimentá-lo após uma apresentação. Ele, como sempre, foi muito simpático, o que me deixou ainda mais *travado*.

Só depois da I Bienal de Música da USP, que ocorreu em janeiro e fevereiro de 1974, é que eu passei a considerar que tinha um certo jeito para música. Aliás, esse evento foi um divisor de águas para muitos colegas. Nunca um curso "nas férias" reuniu tanta gente boa e talentosa. Eu considero que, graças a essas aulas e ensaios, muitos ali decidiram, seriamente, tornar-se músicos "de verdade". Por várias vezes, pudemos estar ao lado de tantos professores de altíssimo nível. Eu e muitos colegas nunca tínhamos respirado tanta música e a alegria de conviver em um ambiente tão musical. Lembro o quanto ficava angustiado e ansioso pela demora dos velhos e pesados ônibus da CMTC – Companhia Municipal de Transportes Coletivos, companhia municipal paulistana que fazia a linha do Largo da Concórdia até a Cidade Universitária. Esse trajeto era interminável para chegar às aulas e ensaios da Bienal. Mas, ao mesmo tempo, eu ia sonhando com as atividades passadas e imaginando as que iríamos realizar naquele dia. Até o *bandejão* do CRUSP (restaurante universitário) era delicioso! Tirávamos algum pedaço de pedra que teimava vir junto com o feijão, mas para mim, era aquela comida ou nada.

As aulas de técnica vocal com a Ula Wolff, o convívio com o Klaus-Dieter Wolff, os ensaios de naipes comandados pelo Celso Delneri, o Willy Corrêa de Oliveira, o Sílvio Crespo, o Olivier Toni e o Gilberto Mendes compensavam todas as agruras que passávamos no dia a dia. Lamentamos muito o final do curso e, mais ainda, a morte do Klaus meses depois.

Assisti a várias apresentações do Madrigal Ars Viva e sempre contando a presença do Gilberto, pois suas obras sempre fizeram parte dos programas. Anos mais tarde, em 1982, eu me atrevi a propor um programa para o Festival Música Nova. Eu era o regente do Coral Faap - Fundação Armando Álvares Penteado e como estávamos comemorando o centenário de nascimento do Igor Stravinsky (1882-1971), propus realizar a *Missa* para

coro, solistas e orquestra de sopros, do compositor. Gilberto não só me recebeu em sua casa como incentivou muito para que essa obra fosse apresentada em Santos. Guardei, com muito carinho, uma carta dele agradecendo a nossa apresentação, o que muito me honra. Sem falsa modéstia, o reconhecimento de um grande mestre e um ídolo é coisa inesquecível!

Em 1998, depois de muito postergar, comecei o meu mestrado em música na Unesp e, como não podia deixar de ser, foi sobre a obra vocal do Willy Corrêa de Oliveira e do Gilberto Mendes. Mais exatamente, sobre a influência da Poesia Concreta na obra de ambos. Por diversas vezes, entrevistei o Gilberto e pude contar com materiais de seu acervo pessoal que serviram como fontes de pesquisa que ele, muito generosamente, me cedeu para usar na minha dissertação. Sempre muito solícito e simpático. Sempre com seu sorriso de contentamento e admiração pelo fato de ter-me debruçado para estudar a sua obra. Como forma de agradecimento eu, sempre que podia, preparava e levava um bolo de fubá orgânico que ele adorava. Aí ficávamos conversando na cozinha de sua casa, sempre acompanhados pelo delicioso café preparado pela sua esposa Eliane.

Hoje, um músico encontra inúmeras opções de trabalho, mas naquela época era assim. Lembrando que o Departamento de Música da ECA – Escola de Comunicações e Artes da USP só foi criado em 1973. Os Institutos de Artes da Unicamp e da Unesp só foram criados depois. Como a vida de qualquer músico nunca foi fácil, Gilberto Mendes trabalhava na Caixa Econômica Federal. Depois de estudar sua enorme e variada obra, cheguei a uma exata definição do mestre: Gilberto Mendes era um compositor que, nas horas vagas, trabalhava em um banco. Podemos defini-lo como um compositor em tempo integral. Sim, porque para produzir a quantidade e a variedade de suas produções, é impossível que ele só pensasse como estruturar suas obras nas horas após o expediente. Ele respirava música, andava, nadava, fazia a sua caminhada na praia, tomava um cafezinho sempre pensando e estruturando uma nova composição. Ver uma exposição de arte, ler um livro, assistir a uma peça de teatro ou assistir a um filme eram sempre motivos de inspiração para a criação de uma nova obra. Isso podemos constatar na sua produção artística e nos seus títulos. Não poderia ser de outra maneira. Com Gilberto Mendes, a matemática está errada. A ordem das funções altera o produto. Ele era antes de tudo um compositor e músico, as outras atividades eram apenas para completar o seu tempo livre...